

Diretrizes para Implementação de

ASSEMBLEIAS DE CLASSE

Tiago Luiz
de Araujo

Sanny
Silva da
Rosa

PRODUTO
EDUCACIONAL

UNIVERSIDADE
MUNICIPAL DE SÃO
CAETANO DO SUL

2024



Ficha Catalográfica

ARAUJO, Tiago Luiz de; ROSA, Sanny Silva da. Diretrizes Para Implementação de Assembleias de Classe. (livro digital) / Tiago Luiz de Araujo. São Caetano do Sul :USCS,2024 PDF (28 p:.)
Bibliografia.

ISBN: 978-65-01-15263-9

Produto de Mestrado Profissional- USCS ,Universidade de São Caetano do Sul, Programa de Pós Graduação em Educação de Mestrado Profissional, 2024.

1. Assembleias de Classe. 2. Gestão Democrática. 3. Resolução de Conflitos. I- Universidade de São Caetano do Sul. II- Diretrizes para Implementação de Assembleias de Classe

Sumário

5

CONHECENDO AS
ASSEMBLEIAS

9

ASSEMBLEIA DE CLASSE
DEMOCRACIA E CIDADANIA

13

EDUCAÇÃO EM
VALORES

17

CONVERSANDO É QUE A
GENTE SE ENTENDE

21

DEMOCRACIA DO
INÍCIO AO FIM

7

TUDO BEM SER
DIFERENTE

11

CUIDANDO DO CLIMA
ESCOLAR

15

ASSEMBLEIA DE CLASSE
PASSO A PASSO

19

MEDIAÇÃO DOCENTE

25

SOBRE OS AUTORES

APRESENTAÇÃO



Caros colegas,

O produto educacional aqui apresentado é fruto do Trabalho Final de Curso do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado Profissional - da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, intitulado como: ASSEMBLEIAS DE CLASSE COMO ESTRATÉGIA PARA A GESTÃO DEMOCRÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA COLABORATIVA NA REDE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, destinado a professores, gestores e profissionais da educação, apresenta relatos dos colaboradores da pesquisa, sugestões e pontos de atenção para a implementação de assembleias de classe. Visa aproximar os leitores da prática desenvolvida de forma acolhedora e incentivadora, os motivando a desenvolver o projeto em suas escolas. Dotado de uma linguagem mais informal e, ao mesmo tempo didática, traz reflexões e contribuições que a implementação das assembleias pode trazer ao cotidiano escolar.

Estruturalmente, contempla a apresentação dos pesquisadores bem como a temática que envolve a assembleia de classe, uma breve contextualização da educação contemporânea, seus desafios, possíveis intervenções para melhoria contínua do clima escolar e do desenvolvimento de escolas mais democráticas. Busca contextualizar o tema e situar o leitor “gestor” perante sua realidade.



Após o período pandêmico, as relações intraescolares se tornaram ainda mais desafiadoras. A violência física, verbal e virtual tem permeado o ambiente escolar, gerando grandes embates entre todos membros da comunidade escolar. Em um cenário cada vez mais carente de espaços democráticos de diálogo, a implementação de assembleias de classe nos anos iniciais, embasada na concepção de Ulisses Ferreira de Araujo e Josep Maria Puig nos auxilia a refletir sobre os elementos constituintes dos conflitos, seus benefícios para o desenvolvimento global do indivíduo e formas pacíficas de resolução.

A realização de assembleias de classe contribue para a melhoria das relações intraescolares, diminuição da violência, ampliação dos espaços democráticos de fala no ambiente escolar, interação entre pares, desenvolvimento da empatia, respeito, protagonismo docente e estudantil, formação de cidadãos conscientes que zelam pela preservação e ampliação da democracia

Boa Leitura!



CONHECENDO AS ASSEMBLEIAS

Uma grande alternativa para a criação de um ambiente escolar menos violento é a implementação de assembleias de classe ou assembleias escolares: reuniões coletivas realizadas periodicamente pelos professores com a(s) turma(s) com o objetivo de dialogar com todos os envolvidos sobre questões do cotidiano escolar (estrutura física, social e comportamental de toda comunidade). O professor precisa assumir a postura de mediador para conduzir as discussões de modo imparcial e construtivo. Os estudantes, professores e equipe gestora podem propor temas relevantes para as assembleias com antecedência, sem citar os nomes de colegas, professores ou funcionários, preservando a identidade e integridade dos indivíduos. Durante as reuniões, todos os participantes necessitam interagir de modo organizado, respeitoso e cordial. São bem-vindas às discussões: críticas, sugestões e congratulações. Desse modo será possível a disseminação da Cultura de Paz, conforme prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, nº 13.663, de 2018.

Despertar em toda comunidade escolar o sentimento de corresponsabilidade e pertencimento amplia as possibilidades de êxito no ambiente escolar. Ao passo que o indivíduo quando se reconhece como parte integrante da escola, passa a respeitar, cuidar, auxiliar, contribuir e assumir compromissos benéficos à instituição. Esse processo de identificação, aproximação, corresponsabilização e pertencimento dos atores escolares se dá mediante a sua participação no cotidiano escolar: em aulas, eventos, reuniões, decisões, passeios e todas ações que possam envolver o coletivo.



**Aprender a ouvir
a controlar
nossos impulsos
autoritários, a
deixar o outro
falar e confiar no
poder do grupo
como agente de
regulação
coletiva são
alguns dos
processos
construídos por
meio do espaço
do diálogo e de
participação
propiciados nas
assembleias.**

**Ulisses F. de
Araújo**



A escola que conhecemos tem seu grau de responsabilidade nesse processo de formação que ignora a importância das relações interpessoais e dos conflitos para formação integral dos seres humanos.

Ulisses F. de Araújo

A prática da realização de assembleias de classe visa democratizar o espaço de fala no ambiente escolar, podendo auxiliar na dialogia, mediação de conflitos, escuta ativa de estudantes, resolução de conflitos e fortalecimento da convivência democrática. Para Sastre e Moreno (2002), nossa formação nos tornou mais hábeis para lidar com o mundo físico do que com o social, aprendemos mais coisas do mundo exterior que de nossa própria intimidade, conhecemos mais os objetos que as pessoas do nosso convívio.

Para educar no cenário atual, é necessário que haja um equilíbrio entre essas visões de sociedade e gerações, haja vista que uma sociedade precisa ser livre, autônoma, entretanto, precisa estar estruturada em valores sólidos que garantam sua existência e a convivência harmônica entre novas gerações e sua ascendência. A escola do século XXI precisa instruir cidadãos que consigam ter conhecimentos e habilidades para desenvolvê-los, sejam eles, pedagógicos, sociais, emocionais, financeiros, éticos, físicos ou culturais; pessoas que sejam capazes de utilizar o que sabem e o que são em prol da sociedade, de si mesmos, cientes e cumpridores de seus direitos e deveres.

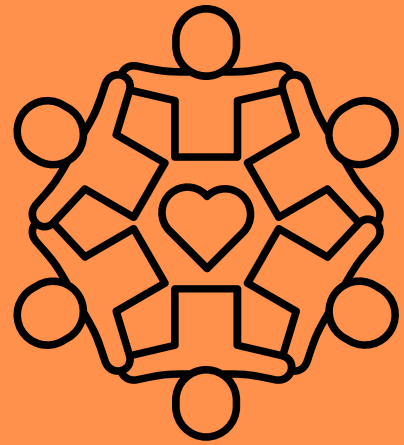
A gestão escolar: professores, equipes gestoras e profissionais da educação necessitam receber formação qualificada em sua formação acadêmica para mediar conflitos no ambiente escolar, dentro e fora de sala de aula, para despertar o que há de melhor no público discente. Mais do que apenas transmitir saberes educativos, é preciso formar pessoas capazes de conviver harmoniosamente em grupo, que saibam lidar com suas emoções, frustrações e respeitar os outros, de acordo com Freire (1996), ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.

TUDO BEM SER DIFERENTE

A sociedade brasileira, fisicamente, é extremamente heterogênea, sendo impossível caracterizá-la de forma unívoca. Somente essa heterogeneidade de aparências já é o motivo de grandes conflitos entre os estudantes, devido à diversidade de tons de pele, formatos dos cabelos, orelhas, dentes, peso corporal, estatura. As diferenças apresentadas entre os estudantes, muitas vezes, resultam em ofensas verbais ou físicas, apelidos jocosos, bullying e baixa autoestima.

Aliado às características físicas, o fator comportamental influencia de modo preponderante o convívio entre os estudantes. Ser extrovertido, tímido, educado, comportado, agressivo, agitado, lento, paciente, indisciplinado, impaciente, em demasia, pode ser um alibi para discussões ou entraves entre os estudantes. Desde o tom de voz, até o modo de se portar, andar, mexer os cabelos, se sentar, possuir muitos ou poucos amigos pode gerar desentendimentos. A pluralidade comportamental se deve à criação recebida pela família, convívio com outros adultos, exposição a traumas ou apenas um ato individual, determinado pela própria personalidade.





O conceito de diferença não pode ser utilizado como marcação, estigma, segmentação. A diferença é uma condição humana, que deve servir apenas como condição da pluralidade e diversidade, jamais servir como instrumento de exclusão ou segregação. Estar inserido em uma escola ou ambiente educacional não garante ao indivíduo todos os seus direitos, é preciso fazer parte da instituição, estabelecer relações plurais, que influenciem em seu desenvolvimento social, cognitivo e emocional.

Integração não significa inclusão: incluir é uma necessidade urgente, é preciso dirimir obstáculos, garantir a todos o direito de ir e vir, de ser livre para poder usufruir do bem comum, de tudo que já foi criado e produzido pela humanidade. É preciso garantir a acessibilidade, a equidade na educação, que ocorre em todos os lugares e, principalmente, na escola.

Humanizar as crianças, desde a tenra idade, para o desenvolvimento de suas relações pode ampliar as chances de sucesso no convívio social. Conceber que as diferenças são inerentes à heterogeneidade da humanidade, que elas servem para unir e não desagrupar, contribuem para o desenvolvimento da percepção e reconhecimento entre os indivíduos.

A escola precisa incentivar a valorização das diferenças, promovendo a diversidade nacional, regional e individual. Neste sentido, as assembleias de classe tendem a oportunizar momentos de reflexão coletiva sobre como o respeito às disparidades podem contribuir para a melhoria das relações, haja vista que todos têm os mesmos direitos à participação e oportunidade para relatar como se sentem perante o grupo de forma direta ou contribuindo com as discussões dos assuntos propostos nas reuniões. Durante os encontros, os alunos são sensibilizados a exercerem o sentimento de empatia e compreender como o outro se sente perante o preconceito, a discriminação, exclusão, isolamento ou condição que o afete na sua relação com o coletivo.

Democracia e Cidadania



Em O Futuro da Democracia, Bobbio (2009) apresenta um panorama reflexivo sobre o processo de surgimento, evolução e futuro da democracia no mundo. Desde sua concepção na Grécia antiga até a contemporaneidade, discorre sobre o conceito da democracia direta e a democracia representativa. Para ele, a democracia pode ser definida como “um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos”.

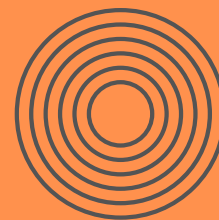
Afirma ainda que: “A democracia não goza no mundo de ótima saúde, mas não está à beira do túmulo”. Defende o “alargamento” da democracia representativa e da instituição da democracia direta. Tanto os direitos à cidadania quanto à democracia são recentes e seguem constantemente e, globalmente, ameaçados. No Brasil, os ataques às instituições e aos sujeitos ocorrem, prioritariamente, por meio das redes sociais, do compartilhamento de fakenews, ameaças de golpe de estado,

solicitação de intervenção militar, valorização da ditadura militar e de torturadores. or meio das mídias e grupos virtuais, perpetuam-se os crimes de ódio motivados pelo preconceito: racismo, homofobia, machismo, homofobia, capacitismo, intolerância religiosa e xenofobia, dando visibilidade a seres e grupos abjetos que atentam contra a democracia e os direitos individuais, diariamente e ininterruptamente, nos espaços públicos e em seus redutos familiares.

Lutar pela preservação, ampliação da democracia e universalização de direitos é essencial para a construção de uma nação que, efetivamente, se inspire nos ideais da revolução francesa: liberdade, igualdade e fraternidade, que esteja ancorada na garantia de direitos, promoção do bem-estar e do bem comum como defende Rousseau. Construir uma sociedade mais equânime, ética e empática, em todos aspectos, é uma missão para todos aqueles que compreendem sua função cívica.

De acordo com Paro (1992), a democracia contribui para o desenvolvimento da corresponsabilidade no processo educacional que requer o envolvimento de toda comunidade escolar. Segundo o autor, a educação como direito universal deve ser concebida coletivamente. Cada indivíduo, enquanto sujeito, reconhece a sua função e sua importância na gestão colegiada, contribuindo de modo significativo. Cabe a escola e as redes de ensino ampliarem os momentos de diálogo e escuta entre os atores envolvidos no ambiente escolar, criando espaços democráticos em que todos possam ser ouvidos e se sentirem participantes. A criação de grêmio estudantil, conselho de escola, associação de pais e mestres contribuem

para uma visão de poder compartilhado, em que todas as partes da instituição se sentem representadas. Contudo, tais órgãos não podem ser utilizados apenas para cumprimentos legais ou burocráticos, precisam ser vivos, participativos e propositivos, objetivando a melhoria da qualidade do ensino e das relações estabelecidas na unidade escolar. A efetiva participação dos membros e contribuições precisam ser compartilhadas com toda a comunidade escolar, visando a promoção do trabalho realizado e do que se pretende construir; partindo do pressuposto de que o indivíduo respeita mais o que ele conhece, do que faz parte e se sente inserido, compreendendo que a educação que lhe é de direito precisa da sua contribuição.



Uma escola democrática deverá basear-se em um conjunto de valores que tenham vínculos com a liberdade, a autonomia e o desenvolvimento do espírito crítico, da iniciativa e da responsabilidade. Ao mesmo tempo, uma escola democrática se apoiará também em valores como a cooperação e a solidariedade, o espírito de grupo e a tolerância.

Finalmente, uma terceira linha de valores estará constituída por valores procedimentais, como o diálogo e a autorregulação.

Josep Maria Puig



Cuidando do Clima Escolar

Ambiente seguro e acolhedor para todos

A escuta ativa e a resolução de conflitos pacífica contribuem para o bom desenvolvimento do clima escolar. Escutar ativamente requer paciência, atenção e empatia. Percebemos em muitos pais, professores e alunos a vontade de serem ouvidos sem pré-julgamentos, presunções ou agressividade. Em um mundo cada vez mais tecnológico, narcisista e sem tempo, o ato de dialogar tem sido uma raridade. O dito popular: é conversando que a gente se entende, se faz cada vez mais essencial para a criação de um ambiente escolar mais harmônico e saudável. Segundo Freire (2003),

ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Deste modo, concebendo conhecimento como tudo que já foi criado e o que ainda será desenvolvido, a escola, enquanto ambiente criador das possibilidades, precisa exemplar, mostrar bons modelos de resolução de conflitos, de escuta ativa, de acolhimento, de relação dialógica e de promoção das potencialidades. A equipe escolar: gestão, professores e funcionários precisam compreender a importância do seu fazer profissional, do modo





Realização de Assembleia de Classe na quadra escolar, com a participação da psicóloga da instituição de ensino.

como se comunicam e se relacionam com as pessoas no ambiente escolar, visto que refletem a postura da instituição e possibilitam a reprodução de seu comportamento positivo ou negativo. Agir com sabedoria, parcimônia e resiliência são atributos imprescindíveis para quem trabalha em uma escola na contemporaneidade. Obviamente, somente o trabalho da instituição não irá garantir o extermínio da violência, sendo essencial a participação da família e dos órgãos públicos para que os resultados sejam mais promissores.

Promover espaços de diálogo, compartilhamento de saberes, opiniões e sugestões precisa se tornar uma ação constante em uma escola que deseja promover e assegurar a democracia. A criação de grupos de APM (associação de pais e mestres), grêmio estudantil, conselho de escola e espaços colegiados seguindo as orientações previstas em lei pode representar um grande avanço para o desenvolvimento de uma unidade escolar mais plural, acolhedora, sensível, que acolhedora, que se progride de modo coletivo.



Educação em Valores

Cada pessoa é composta por um sistema de valores, dentre eles os morais e não morais.



A construção de identidade dos indivíduos ocorre de forma complexa por contemplar vários fatores: ambiente social, criação, vivências, estrutura psicológica e constituição de valores. No livro *Educação e Valores: Pontos e Contrapontos*, Ulisses Ferreira de Araújo descreve brilhantemente como ocorre o processo de construção dos valores. Ancorado na visão de Piaget, apresenta a ideia de que os valores são tecidos de acordo

com as ações advindas da interação que o sujeito estabelece com as pessoas e o mundo. Segundo o autor, o indivíduo constrói os seus valores baseados na projeção afetiva que realiza sobre si ou sobre os demais, mediante as interações construídas no ambiente escolar, familiar e em todos os espaços. Essas projeções podem ser positivas e tendem a adquirir maior significação mediante a exemplos presenciados no cotidiano: ver uma

criança referindo-se a um idoso de forma carinhosa e afetiva, presenciar o pai ajudando a mãe nos afazeres domésticos, contrariando a visão machista, ver sua professora confortando um colega que está chorando, por exemplo. As internalizações absorvidas sobre si mesmo constituem a autoestima do sujeito, fator imprescindível para o seu desenvolvimento humano por toda vida. O desenvolvimento das projeções afetivas

positivas relaciona-se aos sentimentos de alegria, confiança, amor, carinho, respeito, admiração, solidariedade, ética etc. Concomitantemente, as projeções afetivas desenvolvidas podem contemplar sentimentos negativos, sendo chamados de contravalores. Também são constituídos a partir das inter-relações obtidas com objetos (casa, colégio, igreja), pessoas (pai, mãe, professores) ou relações (convivência com os irmãos, colegas).



... os valores nem estão predeterminados nem são simples internalizações (de fora pra dentro), mas resultantes das ações do sujeito sobre o mundo objetivo e subjetivo em que ele vive.

Ulisses F. de Araújo



Assim como as projeções afetivas benéficas, as projeções negativas ganham ênfase pelos exemplos presenciados: ver a mãe sofrendo violência doméstica, sofrer bullying por parte dos colegas, assistir a um ato de injustiça (roubo, sequestro, agressão verbal/física, exemplificadamente.

As projeções negativas relacionam-se aos sentimentos de ódio, raiva, vingança, desprezo, desconfiança, egoísmo, medo, agressividade.

Cada pessoa é composta por um sistema de valores, dentre eles os morais e não morais. Esse sistema abstruso possui valores centrais e periféricos, ambos personalíssimos. A importância dada a cada valor é única e pessoal, decorre de sua identidade, da intensidade e motivação afetiva que lhe é dedicada. As percepções do que é

honestidade, certo ou errado, justo ou injusto, advém da localidade em que são armazenadas no sistema de valores do indivíduo, e seu grau de relevância. Para muitas pessoas roubar pode ser algo extremamente errado, para outras pode ser um ato de “sobrevivência” ou algo corriqueiro. Alguns podem ter uma atitude considerada errônea e se sentir culpados, outros nem refletir sobre a infração cometida. As ações do sujeito mediante sua compreensão moral podem variar ou não de acordo com o contexto em que ocorrem, por exemplo: uma pessoa pode achar errado matar, exceto, quando for em legítima defesa. O mesmo indivíduo que considera errado roubar (à mão armada, com uso de violência) pode ter

desvios de conduta em relação à sonegação de impostos, compra de produtos falsificados, desvio de verbas públicas e crimes de colarinho branco.

Essa “diversidade ética” retrata a realidade contemporânea em que sujeitos matam em nome da fé, iniciam guerras em favor da soberania nacional, deixam crianças morrerem à míngua por falta de alimentos, usurpam direitos, propriedades, ferem e ofendem classe minoritárias, defendem atos misóginos, machistas, homofóbicos e preconceituosos, atacam os educadores e instituições de ensino com base na concepção dos próprios valores morais. A escola como ambiente do saber precisa propiciar espaços democráticos de diálogo entre os

estudantes, promover: a reflexão, o respeito às diferenças, o autorrespeito, a afetividade, o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, a resolução de conflitos pacífica, a autonomia para a criação de cidadãos ativos perante o seu processo de desenvolvimento, humano, ético, psíquico e social. A escola representa o ambiente com maior possibilidade de interações da criança com a sociedade. Indivíduos com criações diversas, gostos, aspectos e opiniões divergentes. Nesse ambiente tão heterogêneo, promover a paz, preservar a democracia e zelar convívio ético dos estudantes é um exercício árduo e indispensável.

ASSEMBLEIA DE CLASSE

Passo a Passo



Abra a câmera do seu celular, aponte para o QR CODE e tenha acesso a todo nosso acervo de fotos e materiais.

As assembleias de classe podem ser definidas como reuniões coletivas semanais com regras estruturais bem definidas, que visam contribuir para o seu pleno desenvolvimento. Prioritariamente, precisam auxiliar na resolução dos conflitos escolares entre os alunos de cada turma, também auxiliam na melhoria do ambiente escolar, por contemplar sugestões e felicitações dos participantes.

1

COMO?

Elas precisam ocorrer em círculos para que os alunos possam se ver, se autorregular, estabelecer contato visual, desenvolver o sistema atencional e auditivo. A disposição da turma, tanto no modo estrutural quanto relacionado ao engajamento contribui para o desenvolvimento do diálogo. É necessário que o professor crie um ambiente acolhedor em que os estudantes se sintam livres para expressar suas opiniões sobre os mais variados assuntos, principalmente os mais delicados.



2

ONDE?

Os encontros podem ser realizados nos mais variados lugares: sala de aula, quadra, auditório, pátio, horta, jardim, desde que os estudantes estejam confortáveis. Deve-se evitar locais com muito barulho, calor excessivo ou com muito estímulo visual, que possam comprometer a atenção dos alunos durante as rodas de conversa.



3

QUANDO?

A assembleia de classe precisa fazer parte da rotina semanal da turma, com horário pré-determinado, que necessita ser cumprido fielmente, dando confiabilidade à proposta, geralmente, tem a duração de cinquenta minutos a uma hora.



4

COMO REGISTRAR?

Todo encontro pode ser registrado em ATA com o que foi discutido com a turma. Não existe necessidade de formalidade no registro, é importante que o aluno registre com suas palavras ou coletivamente, para que faça mais sentido a todos.



5

E QUEM NÃO É ALFABÉTICO?

Nas salas em que os alunos ainda não são alfabetizados, o registro pode conter apenas palavras ou desenhos, ou ainda ser feito um texto coletivo da turma com o (a) docente. O registro servirá simplesmente para destacar o que foi discutido e conversado com o grupo, dar mais ênfase aos combinados estabelecidos, criar um percurso com a turma e possibilitar a retomada de diálogos anteriores. Precisa ser um documento com a cara do estudante. Sugere-se que haja uma pasta para armazenamento das ATAS, de fácil acesso para consultas.



CONVERSANDO É QUE A gente se entende

Vejo as assembleias de classe como prática pedagógica em minhas aulas, ao meu ver é um trabalho contínuo que colheremos os resultados lá na frente.

Profª participante

6

SOBRE O QUE FALAR?

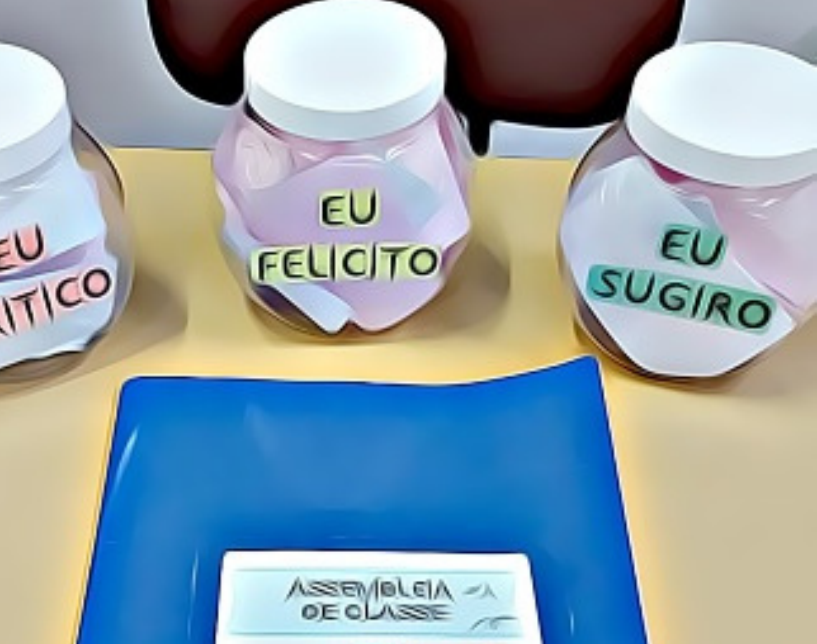
Os mais variados assuntos podem fazer parte das assembleias de classe sendo sugeridos por alunos, professores e funcionários. Seguindo os preceitos teóricos de Ulisses Ferreira de Araújo, são determinados três eixos de proposições: críticas, sugestões e felicitações.



7

SUGESTÕES:

Nesta pesquisa, tais eixos serão representados pelos termos: eu critico, eu sugiro e eu felicito. Os termos utilizados podem ser substituídos por outros mais atrativos ou atuais de acordo com a vontade da turma, como por exemplo: curti, não curti, que tal?



8

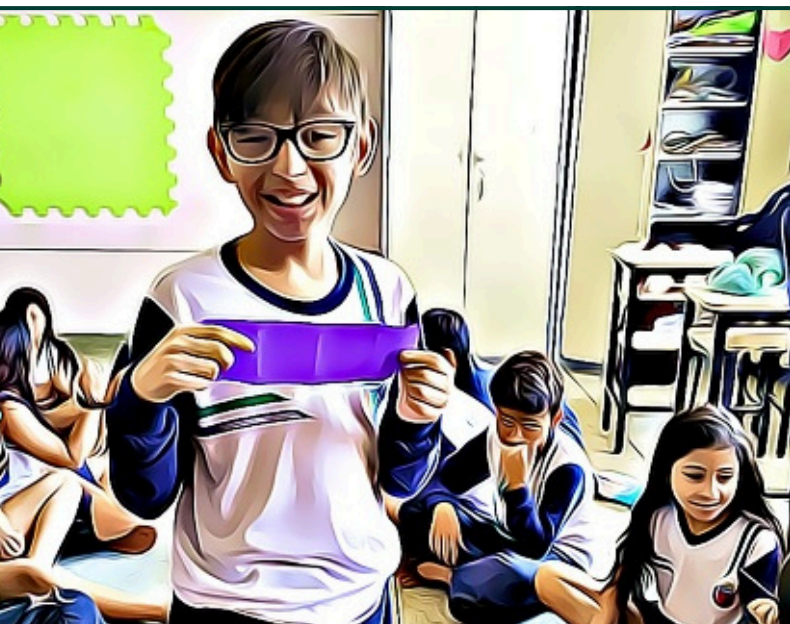
ONDE FICA A PAUTA DA ASSEMBLEIA?

As proposições produzidas em forma de texto ou desenho (para alunos não alfabetizados) podem ser armazenados em potes, caixas, embalagens, desde que sejam colocadas, diariamente, à disposição dos estudantes em local de fácil acesso.

9

SUGESTÕES:

A vantagem da utilização dos potes é incentivar a participação do estudante que pode se sentir mais à vontade, por se sentir mais preservado, visto que sua letra, suas colocações não serão expostas aos demais colegas. Também é possível dispor as proposituras dos estudantes em cartazes de fácil acesso a todos. Contudo, é fundamental que haja supervisão do que está escrito para não haver exposição da identidade dos estudantes, professores e funcionários, palavras ofensivas, discriminatórias ou vexatórias.



10


HORA DE COMEÇAR...

O professor, ao iniciar a assembleia, precisa solicitar, voluntariamente, quem pode auxiliar na abertura dos potes ou leitura das proposições feitas nos cartazes e quem pode fazer o registro da ATA. Em alguns protótipos de assembleia, a turma pode eleger um aluno para ser presidente da sessão e outro para secretário. Nessa pesquisa, a escolha para participação foi feita de forma espontânea e democrática, sem enfatizar cargos hierárquicos.

MEDIAÇÃO DOCENTE

Elemento imprescindível para o sucesso

A assembleia de classe requer um planejamento prévio; todos precisam estar cientes de quando ela ocorrerá, não pode ser improvisada ou retirada da rotina por ser considerada menos importante que outra atividade.



A escolha da ordem de abertura dos recipientes precisa ser realizada de forma democrática com os estudantes. Feita a escolha do assunto, de forma organizada e ética, o professor mediará as discussões dos estudantes. Precisa exercer autoridade sobre a turma na condução da atividade, entretanto, sendo exemplo de conduta, expressando-se com vocabulário adequado, em tom de voz correto, agindo de modo conciliador, sem fazer uso de indiretas, ironias, provocações ou incitações.

Será necessário interromper a assembleia sempre que algum aluno ou participante for interpelado, pois todos precisam prestar atenção em quem está em seu momento de fala. Jamais devem ser toleradas palavras de baixo-calão, ofensas, acusações, injúrias, difamação, haja vista, que assembleia visa contribuir para a melhoria do clima escolar e não ampliar os conflitos ou ser um motivo para desencadeá-los. Ao término das colocações, o professor pode fazer ponderações, sugestões, encaminhamentos e combinados para a resolução do assunto apresentado, que necessitam constar em ATA para retomada de acordos coletivos.

A postura docente é decisiva para o desenvolvimento, participação dos estudantes e resultados das assembleias. O professor precisa incentivar sempre a resolução de conflitos de forma pacífica, com base no diálogo, estimular a participação coletiva, agir com sabedoria e cautela para não constranger alunos e outros professores que podem ser citados durante a roda de conversa.

Poderá fazer uso de diversos materiais (fotos, vídeos, textos, jogos) para discutir temas importantes com os alunos como: respeito, honestidade, amizade, confiança, cultura de paz, etc. É preciso concluir as assembleias em um clima ameno, deixando explícito aos alunos qual é verdadeiro sentido dos encontros: melhorar o convívio entre eles por meio do diálogo, ampliando os espaços democráticos na escola.



É comum as assembleias de classe com os alunos, serem iniciadas evidenciando as críticas e deixando as felicitações por último. Muitos precisam desabafar, falar de suas angústias, do que os aflige no cotidiano escolar. É importante que os estudantes sintam-se à vontade para expressar suas opiniões e insatisfações, desde que de modo respeitoso. Mais do que respostas, é evidente que os estudantes buscam uma escuta ativa, sem julgamento ou repreensão. Após serem ouvidos em suas críticas, se tornam mais abertos a compartilhar sugestões e felicitações. No cotidiano escolar, em muitas situações, as pessoas não buscam nos diálogos apenas uma solução para os seus dilemas.

Elas querem poder expressar suas angústias, suas tristezas, ideias, alegrias, sonhos. Buscam compartilhar, ter alguém que escute atentamente suas colocações, sem desculpas da falta de tempo. Somente o fato de serem ouvidas, por vezes, não resolve a situação, mas gera um sentimento de acolhimento, empatia e apoio. O processo de mediação de assembleias exige do professor autoconfiança para manter a organização do grupo, da ordem de fala, da seguridade do respeito entre os pares, da preservação da imagem dos alunos e da comunidade escolar, sobretudo, requer que o docente faça ponderações pertinentes e intervenções às falas dos alunos, ou problemas que se

apresentarem: discussões acaloradas, ofensas entre participantes ou até mesmo até mesmo agressão física. O professor-mediador precisa agir de modo ilibado nas assembleias, pois sua conduta reflete a dos demais estudantes. Cabe a ele ser imparcial, manter o equilíbrio durante a condução, demonstrar empatia com a participação e as falas dos alunos, mesmo que sejam equivocadas ou repetidas. Em tempo algum, o professor poderá expor alunos, agir com desdém, praticar ou incentivar a violência verbal ou moral, afinal, as assembleias não podem se tornarem espaços disparadores de mais conflitos e violência entre os alunos. Sua missão é incentivar os estudantes, por meio de sua postura, a resolverem seus

conflitos - por meio do diálogo, do pedido e do aceite desculpas, da autoavaliação, reflexão, exercício da empatia e consciência crítica -, a compartilharem opiniões, sugestões que possam melhorar a convivência da turma e a unidade escolar. Ao iniciar uma nova assembleia, é importante que o professor retome o que foi discutido na reunião anterior. Dialogue com a turma refletindo se houve mudanças positivas ou negativas em relação aos temas abordados, propondo novas ideias, promovendo a reflexão, o compartilhamento de ideias e opiniões. Também se faz necessário elencar prioridades entre os assuntos discutidos, sempre primando pela resolução de conflitos e convivência ética.



No quadro ao lado, são elencadas algumas das proposições mais sugeridas pelos estudantes durante a nossa pesquisa.

EU CRITICO	EU SUGIRO	EU FELICITO
<ul style="list-style-type: none"> • O barulho da sala de aula; • O Comportamento dos alunos na aula de arte; • Professores e alunos que gritam; • Brigas na hora do recreio; • Palavrões na sala de aula; • A sujeira na sala de aula. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aumentar o tempo de intervalo; • Ter música na hora do recreio; • Realizar mais jogos <u>interclasses</u> na escola; • Trocar as fechaduras dos banheiros; • Comprar mais brinquedos para o parque. 	<ul style="list-style-type: none"> • A aula de ed. Física; • A merenda escolar; • A festa junina; • Aulas legais; • Os tios (inspetores) que fazem jogos divertidos no intervalo; • Aulas com computador.





DEMOCRACIA DO INÍCIO AO FIM

O primeiro passo para que um projeto complexo como esse não se consolide no interior de da escola é dado quando se obrigam os docentes a fazer aquilo que não acreditam, ou que ainda não se sentem preparados.

Ulisses F. de Araújo

Segundo o autor que referencia essa pesquisa é preciso respeitar o tempo de cada indivíduo durante o processo de implementação das assembleias de classe. Obrigar professores que não querem ou não acreditam a realizarem as assembleias compromete o resultado do projeto. Pessoas que se sentem violadas em seus direitos tendem a não contribuir com as ações e projetos escolares: A participação dos docentes precisa ser voluntária para não violar o processo democrático que estrutura a assembleia desde a sua concepção.

Não é concebível que um professor participe da assembleia de classe de forma arbitrária, porque seu descontentamento influenciará negativamente sua conduta perante os estudantes. Precisa estar ciente de que realizará a tomada de decisões em cada assembleia com seus estudantes, por compreenderem, mesmo que inconscientemente, que estão sendo sujeitos da ação, construtores de um espaço de diálogo que não tem um roteiro determinado. Não é possível padronizar em todos os envolvidos a compreensão de que a

convivência se assemelha a uma teia: tecida por várias mãos, com indivíduos que possuem concepções de mundo distintas, aptos a decidirem os melhores encaminhamentos a cada situação que se apresentar, podendo sempre buscar auxílio do grupo. No cenário atual educacional de nossa escola e do município, presenciamos professores e equipes gestoras determinados a cumprir conteúdos didáticos presentes nos currículos, devido à preocupação com o desempenho dos estudantes em avaliações externas em âmbito nacional ou municipal.



Sentem-se pressionados a lecionar conteúdos desconexos com a realidade do estudante, que não contemplam suas reais necessidades ou que não estabelecem conexão com outros aprendizados de forma interdisciplinar. Obviamente que ofertar um ensino pedagógico de qualidade é essencial, contudo, a educação precisa contemplar e enxergar o estudante como um ser em evolução, que necessita diariamente evoluir em todas suas dimensões, principalmente no aspecto emocional e relacional. É preciso compreender que os conteúdos sociais e emocionais também são extremamente pedagógicos e que

influenciam de forma preponderante na construção desse cidadão em evolução. seres sociais cada vez mais isolados em plataformas eletrônicas, interagindo por meio de telas, celulares e redes sociais. Comumente, presenciamos alunos com dependência de equipamentos eletrônicos, com dificuldade extrema na comunicação verbal, nos relacionamentos com outras crianças ou adultos. Hoje, a escola representa o espaço com maior potencial de interações sociais que o aluno pode estabelecer. É nela que ele interage com outros indivíduos (colegas, professores,

funcionários), desenvolve habilidades, gasta energia correndo ou brincando, se alimenta, cria laços de afetividade, envolve-se em conflitos, ama, odeia, sorri, chora, fica triste, feliz, nervoso. A escola é uma peça fundamental para a construção do ser humano por abrigar pessoas com realidades distintas. Reúne seres divergentes que podem se complementar ou se repelir, de acordo com a criação que recebem dos pais, dos modelos de comportamento que presencia e das relações que estabelecem entre si. Existe uma grande parcela de profissionais da educação e da sociedade resistente em afirmar que “a educação vem de casa”. Acreditam que a educação se divide em duas partes, uma contempla disciplinas (português, matemática,

geografia, ciências, etc.) que trabalham aspectos pedagógicos e cognitivos, a outra abrange os aspectos comportamentais, emocionais, valores morais e éticos. Tendem a delegar a primeira parte à instituição escolar e a segunda, exclusivamente, à família. Como bem define o Art. 205 da Constituição Federal: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Portanto, é de suma importância a interação entre escola, estado e município objetivando o melhor desenvolvimento do indivíduo.

“Professora, durante a assembleia, nós conseguimos olhar um para o outro. Nas outras aulas, só conseguimos ver o pescoço dos amigos. Aqui estamos aprendendo ser gente”.

Aluna do 4º ano



As assembleias precisam de regras estruturais para sustentar o ineditismo que cada encontro apresenta; por desencadearem diálogos, análises de conflitos, embates, problemas e situações imprevistas e imprevisíveis que requerem do docente a condução e mediação qualitativa. Não existem respostas prontas para um projeto que se faz em muitas mãos e ao mesmo tempo de modo individual, pessoal, autoral, que contempla as individualidades de cada turma e professor. É preciso formular, reformular estratégias, ter uma escuta ativa e sensível para os alunos, assimilando o quanto as relações e problemas que contemplam uma sala de aula influenciam e contribuem para o processo de desenvolvimento cognitivo, psicossocial, emocional dos estudantes e do próprio educador.

Todas as decisões feitas por eleição, encaminhamentos precisam contemplar a vontade do coletivo. Obviamente, caberá ao docente mediar as sanções e ações para que não firam o regimento da unidade escolar.

São muito bem-vindas cartas de felicitações, de solicitações e de feedback para outras salas de aulas, equipe gestora, funcionários e professores. A ampliação dessa comunicação pode gerar muitos benefícios para toda comunidade escolar.

Sinto que precisamos seguir nossa intuição para desenvolver os projetos, sentir e reconhecer os sentimentos. Tendo como base objetivos pré-definidos, boa intenção e determinação, tudo flui para agregar novos conhecimentos. Percebi a necessidade cada vez mais frequente e necessária dos alunos serem protagonistas do ensino/aprendizagem. Precisamos dar voz e vez aos alunos. Trabalhar com assembleias de classe pode ser uma forma eficaz de envolver os alunos na gestão e tomada de decisões relacionadas ao ambiente escolar. As assembleias de classe são uma oportunidade de desenvolver habilidades de liderança e responsabilidade nos alunos.

Professora do 2º ano

São infinitas as possibilidades de ações que as assembleias podem gerar: criação de um cartaz coletivo, uma homenagem, projeto, diálogo com funcionários, professores, sugestões de melhorias para a infraestrutura da escola, carta aos pais, campeonatos, passeios.

Contudo, é **ESSENCIAL** compreender que o objetivo primordial das assembleias é dialogar sobre as relações, os problemas enfrentados pela turma e pelos professores. Deve haver um equilíbrio na pauta e temas abordados para que as assembleias não se tornem um ambiente apenas para compartilhamento de sugestões, nem tão pouco um tribunal de julgamento de comportamentos. É preciso buscar o equilíbrio para que as reuniões terminem com um clima saudável, de participação, empatia e harmonia, mesmo quando trate de assuntos delicados.

Nosso produto educacional, de forma singela, busca contribuir com profissionais que acreditam em uma educação mais humanizada, sustentada pela democracia, empatia, diálogo e valores que podem transformar vidas e construir um mundo mais justo, por meio das relações intraescolares e ricas vivências que somente uma escola democrática pode proporcionar.

Aprendi com a assembleia a ter um olhar mais atento aos detalhes, como o das crianças, que talvez todos nós, independentemente da idade, temos adormecida dentro de nós. Desacelerar quando possível e ser mais ouvinte dos alunos. Entender que os conflitos são geradores de possibilidades e discussões. Que não devemos apenas tentar apaziguar e calar, mas fazer com que as crianças reflitam sobre o ocorrido, sempre de forma autônoma para que tenha significado e relevância para eles.

Professora do 5º ano

É preciso compreender que a assembleia de classe não eliminará todos os problemas de uma turma isoladamente. Ela servirá para ampliar os espaços de diálogo, sensibilizar os estudantes, ampliar o poder de comunicação e interação dos envolvidos, contribuindo para a diminuição da violência física e verbal. Os discentes precisam ser motivados a compreender que as assembleias visam criticar as atitudes e não as pessoas.

Ulisses F. de Araujo



TIAGO LUIZ DE ARAUJO



Mestre em Gestão Educacional pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (2024), possui graduação em Letras (português/Inglês) pelo Centro Universitário Fundação Santo André (2008), graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2014), pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários pelo Centro Universitário Fundação Santo André (2011). Atualmente é diretor escolar da EMEF Senador Flaquer, membro do Conselho de Segurança Municipal - COSEM, membro do Conselho Municipal de Educação na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Participou do Conselho Municipal de Educação e integrou a Comissão de Análise do Plano Municipal de Educação - PME (2020 - 2021). Tem experiência na área de Letras (Língua Portuguesa) e Educação, com ênfase em gestão educacional. Atuou como Professor de Língua Portuguesa, na rede pública, em escola de período integral (2010 -2013), em escola regular (2014 -2016), Assistente de Orientação Educacional (2017) e Orientador Educacional (2018). Em 2019, foi congratulado com a Medalha dos Autonomistas, na Câmara Municipal, devido à sua atuação na educação do município. É professor concursado da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, desde 2010.

Contato: professortiagoaraujo@hotmail.com



SANNY SILVA DA ROSA

Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983); Mestre (1990) e Doutora (1996) pelo Programa de Pós-graduação em Educação (Currículo) da PUC-SP. Realizou estudos pós-doutorais como pesquisadora visitante do Departamento de Sociologia da Educação do Instituto de Educação da University College London (UCL), sob supervisão do professor Dr. Stephen J. Ball (2010- 2011). Atua como docente de cursos de graduação (Formação de Professores e Gestores) desde 1984 e em programas de pós-graduação stricto-sensu em Educação desde 2001. É professora permanente do PPGE da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), desde 2016, na Linha de Pesquisa de Política e Gestão Educacional. Líder do Grupo de Pesquisa Gestão Democrática e Qualidade Social da Educação Básica (GEPED/USCS). Temas de pesquisa: políticas públicas e reformas educacionais; políticas curriculares; justiça curricular; qualidade social da educação; gestão democrática da educação básica.

Referências

ARAÚJO, ULISSES, F. **ASSEMBLÉIA ESCOLAR: UM CAMINHO PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS**. SÃO PAULO, MODERNA, 2004.

ARAÚJO, ULISSES, F., PUIG, JOSE MARIA; ARANTES, VALERIA AMORIM (ORG.). **EDUCAÇÃO E VALORES: PONTOS E CONTRAPONTO**. SÃO PAULO: SUMMUS, 2007.

BARDIN, LAURENCE. **ANÁLISE DE CONTEÚDO**. SÃO PAULO: EDIÇÕES 70, 2016.

BOBBIO, NORBERTO. **O FUTURO DA DEMOCRACIA (UMA DEFESA DAS REGRAS DO JOGO)**. TRAD. MARCO AURÉLIO NOGUEIRA. RIO DE JANEIRO, PAZ E TERRA, 1986. 171 P.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**. BRASÍLIA. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.PLANALTO.GOV.BR/CCIVIL_03/LEIS/L9394.HTM](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). ACESSO EM: 10 DE NOV. 2022.

CONTER, CLARICE DA SILVA. **A PRÁTICA DAS ASSEMBLEIAS DE CLASSE EM UMA ESCOLA DA REDE MARISTA E SUA IMPLICAÇÃO NA CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL**. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, PORTO ALEGRE, 2018. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.REPOSITORIO.JESUITA.ORG.BR/HANDLE/UNISINOS/7281](http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/unisinos/7281). ACESSO EM 09 DE SET. 2023.

DIAS, CARMEM LUCIA; COLOMBO, TEREZINHA FERREIRA DA SILVA. **A INDISCIPLINA NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR: O TRABALHO COM ASSEMBLEIAS DE CLASSE NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS MORAIS AUTÔNOMAS**. EDUCAÇÃO, [S. L.], V. 38, N. 2, P. 361-374, 2013. DOI: 10.5902/198464445062. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PERIODICOS.UFSM.BR/REEDUCACAO/ARTICLE/VIEW/5062](https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/5062). ACESSO EM: 9 SET. 2023.

COSTA, T. A.; ARAÚJO, W.; PONCE, B. J. **POLÍTICA DE CURRÍCULO PARTICIPATIVA E JUSTIÇA CURRICULAR: A EXPERIÊNCIA DA MOBILIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DO ADE (ARRANJO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO) DA CHAPADA DIAMANTINA (BA)**. REVISTA ESPAÇO DO CURRÍCULO, [S. L.], V. 16, N. 1, P. 1-22, 2023. DOI: 10.15687/REC.V16I1.66115. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PERIODICOS.UFPB.BR/INDEX.PHP/REC/ARTICLE/VIEW/66115](https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/66115). ACESSO EM: 28 ABR. 2024.

FRANCO, MARIA LAURA PUGLISI BARBOSA. **ANÁLISE DE CONTEÚDO**. 2. ED. BRASÍLIA: LÍBER LIVRO, 2005.

IBIAPINA, IVANA MARIA LOPES DE MELO. BANDEIRA, HILDA MARIA MARTINS; ARAUJO, FRANCISCO ANTONIO. (ORGS.). **PESQUISA COLABORATIVA: MULTIRREFERENCIAIS E PRÁTICAS CONVERGENTES**. TERESINA: EDUFPI, 2016.

LÜCK, HELOÍSA. **DIMENSÕES DE GESTÃO ESCOLAR E SUAS COMPETÊNCIAS**. CURITIBA: EDITORA POSITIVO, 2009.

LUDKE, MENGA; ANDRE, MARLI. PESQUISA EM EDUCAÇÃO: **ABORDAGENS QUALITATIVAS**. SÃO PAULO: EPU, 1986, P.11.

MANTOVANI, CLAUDIA KAMPUS. **A ASSEMBLEIA DE CLASSE COMO PRÁTICA POSSIBILITADORA DA VIVÊNCIA DEMOCRÁTICA:** UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL 2. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO) - PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2016. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://TEDE2.PUCSP.BR/HANDLE/HANDLE/19928](https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19928). ACESSO EM: 09 SET. 2023.

MARCILIO, ROBERTA BAILONI. **A DEMOCRATIZAÇÃO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ESCOLA:** UM ESTUDO SOBRE AS ASSEMBLEIAS DE CLASSE. DISSERTAÇÃO (MESTRADO) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. FACULDADE DE EDUCAÇÃO, CAMPINAS, 2005. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://HDL.HANDLE.NET/20.500.12733/1599946](https://hdl.handle.net/20.500.12733/1599946). ACESSO EM: 09 SET. 2023.

OLIVEIRA, CRISTIANE SANTIAGO DE. **A ASSEMBLEIA DE CLASSE COMO RECURSO DIDÁTICO PARA A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO MORAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.** DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, SÃO CARLOS, 2021. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REPOSITORIO.UFSCAR.BR/HANDLE/UFSCAR/15118](https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15118). ACESSO EM: 09 SET. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**, 1948. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.UNICEF.ORG](https://www.unicef.org) ACESSO EM: 8 AGO. 2022.

PUIG, JOSEP. **DEMOCRACIA E PARTICIPAÇÃO ESCOLAR**. SÃO PAULO: MODERNA, 2000.

SASTRE, GENOVEVA. & MORENO, MONTSERRAT. **RESOLUÇÃO DE CONFLITOS E APRENDIZAGEM EMOCIONAL:** GÊNERO E TRANSVERSALIDADE. SÃO PAULO: MODERNA, 2002.

STAKE, ROBERT E. **PESQUISA QUALITATIVA:** ESTUDANDO COMO AS COISAS FUNCIONAM. PORTO ALEGRE: PENSO, 2011.

TORDIN, DENISE CRISTINA. **RETECENDO VOZ E VEZ:** O PAPEL DAS ASSEMBLEIAS DE CLASSE NA MEDIAÇÃO E NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS, CAMPINAS, 2020. DISPONÍVEL EM: [HTTP://REPOSITORIO.SIS.PUC-CAMPINAS.EDU.BR/XMLUI/HANDLE/123456789/15569](http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/15569). ACESSO EM: 09 DE SET. 2023.

THIOLLENT, MICHEL. **METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO**. SÃO PAULO: CORTEZ, 2009.

ZAIDAN, S.; REIS, D. A. DE F. R.; KAWASAKI, T., F. **PRODUTO EDUCACIONAL:** DESAFIO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO. RBPG, BRASÍLIA, V.16, N.35, 2020. DISPONÍVEL EM: FILE:///C:/USERS/EMEF-804/DOWNLOADS/24436828115,+SAMIRA+ZAIDAN.PDF. ACESSO EM: 08 MAI. 2024.



2024